



## As formas de resistência em *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior

### *The Forms of Resistance in Torto Arado, by Itamar Vieira Junior*

Michelle Márcia Cobra Torre

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

michelletorre@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-6515-142X>

**Resumo:** O artigo propõe discutir *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, abordando as formas de resistência presentes na obra. Para isso, o estudo enfoca os aspectos do romance que tratam das relações das personagens com a terra, a ancestralidade e a resistência feminina. Também são abordadas as relações entre história e memória. O trabalho defende que o romance lança luz sobre a questão do silenciamento em relação às histórias afrodescendentes, à herança da escravidão e seus resquícios. Parte-se de uma discussão baseada em textos teóricos sobre história e memória, identidade cultural e feminismo para analisar como a resistência pode ser percebida em vários aspectos do romance como a luta pelo direito à terra, as memórias e histórias silenciadas trazidas à tona, a ancestralidade, a sororidade e a resistência feminina.

**Palavras-chave:** Torto arado; história; memória; resistência.

**Abstract:** The article proposes to discuss *Torto arado*, by Itamar Vieira Junior, approaching the forms of resistance present in the novel. For this, the study focuses on aspects of the novel that deal with the characters' relationships with the land, ancestry and female resistance. The relationships between history and memory are also studied. The work argues that the novel sheds light on the issue of silencing in relation to Afro-descendant stories, the consequence of slavery and its remnants. It starts with a discussion based on theoretical texts on history and memory, cultural identity and feminism to discuss how resistance can be perceived in various aspects of the novel, such as the struggle for land rights, as silenced memories and stories brought to light, the ancestry and female sorority and resistance.

**Keywords:** Torto arado; history; memory; resistance.

## 1 Introdução

O artigo se propõe a refletir sobre o romance *Torto arado* do escritor brasileiro Itamar Vieira Junior, publicado em 2019. A obra de ficção se passa no sertão baiano e narra a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, bem como a relação dessas personagens com o território onde vivem, em diálogo com a história brasileira, no que diz respeito à questão agrária, às heranças da escravidão e às condições de trabalho a que muitas pessoas são submetidas ainda nos dias atuais. Neste trabalho, serão abordadas as relações das personagens com a terra, as relações entre história e memória, a questão da ancestralidade e a questão do enfrentamento à violência doméstica contra a mulher.

No romance, a comunidade rural é formada por afrodescendentes, que trabalham nas terras da Fazenda Água Negra em troca de morada. Os ancestrais dos lavradores da fazenda – propriedade da família Peixoto desde os tempos das Sesmarias – viveram a escravidão e, com a Lei Áurea de 1888, passaram a migrar de fazenda em fazenda em busca de trabalho, carregando as marcas profundas das desigualdades. Ao longo do romance, a comunidade de Água Negra passa por transformações e as personagens femininas, Bibiana e Belonísia, são centrais nos processos de mudança e de ressignificação da história e da identidade dos moradores da fazenda. A obra abrange um período que recobre a vida das irmãs desde a infância à vida adulta, quando estão mais velhas e narram a história de sua família e da comunidade de Água Negra, segundo o ponto de vista de cada uma delas.

O romance é dividido em três partes, cada uma sendo narrada por uma voz diferente, sempre em primeira pessoa. As vozes femininas são as vozes de Bibiana, Belonísia e da encantada Santa Rita Pescadeira. Cada parte do romance é narrada pela perspectiva de uma das mulheres, permitindo que a narrativa seja entrelaçada pela rede de pesca da encantada Santa Rita, que conduz a última parte, na qual os fios que foram deixados ao longo do livro são atados lançando luz em toda a obra.

O ato que inaugura a história contada pelas narradoras está relacionado à transgressão que as irmãs Bibiana e Belonísia cometem na infância ao abrirem a mala da avó, Donana, violando o seu passado. Entre as coisas da avó, estava um objeto enrolado em um pano sujo de sangue seco, um punhal com cabo de marfim. O brilho ofusca as meninas que são atingidas por um súbito desejo de sentir o gosto da faca escondida pela avó.

O ato de provar a lâmina colocando-a em suas bocas gera um acidente que marca a vida das irmãs para sempre, pois uma delas acaba se mutilando e perde a língua, o que provoca o seu emudecimento.

A dilaceração da língua de uma das personagens pode ser lida como a imposição do silêncio a que homens e mulheres afrodescendentes sofreram ao longo da história brasileira, junto às injustiças e à falta de direitos. As personagens de *Torto arado* foram, por muito tempo, subalternizadas e silenciadas. Os trabalhadores de Água Negra tiveram seus direitos negados e sua história silenciada, mas a luta cotidiana travada de sol a sol é o símbolo de sua resistência. A formação do Brasil por meio da temática da terra e a história das mãos que araram essa terra, que a rasgaram com seus caminhos tortuosos, são abordadas pelo romance, que traz à luz outras questões, como a ancestralidade, a violência doméstica e a resistência feminina.

Neste artigo, discute-se à luz das considerações de Paul Ricoeur, Jacques Le Goff e Michael Pollak as relações entre história e memória no romance. Em seguida, exploram-se as relações dos personagens com a terra, abarcando o debate sobre a questão da concentração de terras no Brasil. Busca-se ainda evidenciar a questão da ancestralidade nos elementos que compõem o jarê e nas relações das personagens com as entidades e a religião. Para isso, traz para a análise os estudos de Gabriel Banaggia e Stuart Hall. Por fim, examina-se como a sororidade e a violência doméstica perpassam as personagens da obra, com base em teóricas feministas, como bell hooks, que debatem essas questões. Importa ressaltar que os eixos escolhidos para a análise do romance convergem para as formas de resistência dos personagens de *Torto arado*.

## 2 História e memória

Nas relações que o romance estabelece com a história e a memória, pode-se perceber *Torto arado* como uma interpretação da história brasileira por meio da temática da terra e da herança da escravidão, buscando evocar as condições de vida dos afrodescendentes nas fazendas do interior do Brasil. Vários aspectos na obra aludem à escravização e à diáspora dos africanos, assim como a marginalização e a subordinação a que seus descendentes foram submetidos após a lei que aboliu a escravidão, mas que não mudou as relações entre os donos de terras e os trabalhadores.

A obra, ao abordar a herança da escravidão com a presença de fortes resquícios dessa relação ecoando na descendência dos personagens, traz para os leitores um Brasil arcaico e profundo, no qual a servidão ainda persiste. Pode-se dizer que *Torto arado* lança luz em outras histórias e outras memórias diferentes da história e da memória que foram celebradas nas escolas e nos livros didáticos por tanto tempo.

Para discutir as relações entre história e memória, se faz necessário trazer as considerações de Paul Ricoeur (2007). Segundo o filósofo, a memória imposta é respaldada por uma história oficial, a qual é transmitida por meio de celebrações públicas e livros escolares. É o que passarei a denominar neste artigo como vertente historiográfica hegemônica. Ricoeur também ressalta que, na prática conjunta da memória e do esquecimento, importa destacar a questão dos usos e dos abusos da memória, que também envolvem o jogo entre a história e a memória. O exercício da memória é o seu uso, que abre a possibilidade para os abusos, resultando em uma manipulação da memória e do esquecimento por detentores do poder.

Na manipulação da memória, há a mobilização de recursos de manipulação para a imposição de narrativas que trazem discursos justificadores do poder e da dominação. Assim, os detentores do poder acabam por se valer de narrativas para se legitimarem. De acordo com o filósofo, “a memória imposta está armada por uma história ela mesma ‘autorizada’, a história oficial, a história aprendida e celebrada publicamente” (RICOEUR, 2007, p. 98). No plano institucional, a memória exercida é uma memória ensinada, forçada a exercer a rememoração de acontecimentos tidos como fundadores dessa história e da identidade que a encerra. A história é ensinada e celebrada.

Saliente-se que na constituição das identidades comunitárias o perigo maior, sugere Ricoeur, está no manejo da história autorizada, imposta, celebrada. O uso dessa narrativa pode se tornar uma armadilha quando é imposta uma narrativa canônica que despoja outros atores sociais do poder de narrarem a si mesmos, o que é uma forma de esquecimento sofrida.

No romance *Torto arado*, pode-se observar como a história era ensinada na escola da fazenda. A personagem que relata essa experiência escolar é Belonísia, que diz que nas aulas de história havia o enaltecimento da colonização portuguesa, assim como a professora ensinava sobre a “mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 97). Na esteira do que disse

Ricoeur, os detentores do poder se valem de narrativas como essas usadas como formas de legitimação do domínio das elites brancas.

Para Belonísia, o que era ensinado na escola não lhe dizia respeito, ou seja, ela não se identificava com aquela narrativa, sofrendo com isso um despojamento de narrar as suas histórias, que foram esquecidas e sobrepostas por uma vertente historiográfica hegemônica.

Paul Ricoeur explica que “a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento” (RICOEUR, 2007, p. 424). De acordo com Tzvetan Todorov (2015), deve-se recordar algo evidente: que a memória não se opõe em absoluto ao esquecimento. Os termos para contrastar são a supressão (o esquecimento) e a conservação; a memória é, sempre e necessariamente, uma interação de ambos<sup>1</sup>. Todorov prossegue dizendo que o restabelecimento do passado, de forma integral, é algo impossível, pois um traço que constitui a memória é a seleção, assim, há o que será conservado e o que será esquecido. Os “abusos” de memória, devido à função mediadora da narrativa, tornam-se “abusos” de esquecimento.

Em *Torto arado* observa-se, no processo escolar, o abuso do esquecimento em relação às histórias dos antepassados dos afrodescendentes, como a herança da escravidão e seus resquícios. Na luta contra o esquecimento, Bibiana torna-se professora da fazenda Água Negra e ensina a seus alunos as histórias do povo negro levando-os a compreender que a servidão e a subordinação aos fazendeiros não havia terminado. Assim, as crianças “passaram a entender por que ainda sofriam com preconceito no posto de saúde, no mercado ou nos cartórios da cidade” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 243). A professora Bibiana “incutiu naquelas vidas um respeito grande por suas próprias histórias” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 243). Bibiana era aquela:

Que contava e recontava a história de Água Negra e de antes, muito antes, dos garimpos, das lavouras de cana, dos castigos, dos sequestros de suas aldeias natais, da travessia pelo oceano de um continente para outro. As crianças ficavam atentas, não sabiam que havia uma história tão antiga atrás daquelas vidas esquecidas. Uma história triste, mas bonita. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 243).

---

<sup>1</sup> “hay que recordar algo evidente: que la memoria no se opone en absoluto al olvido. Los términos para contrastar son la supresión (el olvido) y la conservación; la memoria es, en todo momento y necesariamente, una interacción de ambos” (TODOROV, 2015, p. 18).

Ao discutir essa questão, é essencial trazer ao debate as considerações de Jacques Le Goff e de Michael Pollak. O historiador Jacques Le Goff (2013) ressalta a relação entre a memória e o esquecimento com a história, com o poder e com as disputas entre grupos. Os usos da memória e do esquecimento se configuram como instrumentos de poder de grupos ou indivíduos, pois há aquelas memórias que permanecem no meio social durante longos períodos, enquanto outras são “esquecidas”, silenciadas, soterradas. História, memória e esquecimento se relacionam nos momentos de disputas, já que o vencedor terá sua memória perpetuada na história, silenciando e fazendo com que seja esquecida a memória do vencido.

Saliente-se que *Torto arado*, ao trazer narrativas apagadas/silenciadas pela memória e história impostas – ou seja, pela celebração de uma vertente historiográfica que foi hegemônica no país durante muitos anos – desnuda os mecanismos de manipulação da memória e da história nacionais. Importante ressaltar que o romance coloca a questão das disputas pela memória, mostrando seus desnudamentos e seus encobrimentos, bem como sua relação com o poder, o que leva o leitor à reflexão de que as narrativas sobre o passado não são definitivas. Vale ressaltar que a historiografia contemporânea questiona as narrativas sobre a escravidão, que foram impostas no passado, trazendo à luz outras histórias, apagadas/silenciadas<sup>2</sup>.

A negação/silenciamento da história dos negros é uma forma de impor poder, pois “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (LE GOFF, 2013, p. 390), e aos detentores do poder interessa a construção de um Brasil imaginário onde as desigualdades e as injustiças não são contestadas.

De Pollak (1989), destaco a diferenciação entre as “memórias subterrâneas” e a “memória oficial”, enfatizando o caráter destruidor da memória nacional. As “memórias subterrâneas” trabalham de forma silenciosa, sendo passadas entre as gerações, e quando vêm à tona, ocorre uma disputa entre elas. Essas são as memórias dos excluídos e marginalizados do poder. De acordo com Pollak, nos momentos de mudanças críticas na

---

2 Sobre outras vertentes da historiografia que abordam a escravidão questionando a narrativa que foi imposta durante muitos anos, ver a obra *Ser escravo no Brasil: séculos XVI-XIX*, de Kátia M. de Queirós Mattoso, e *Revoltas escravas no Brasil*, obra organizada por João José Reis e Flávio dos Santos Gomes.

história, as memórias subterrâneas, tidas como proibidas e clandestinas, emergem trazendo consigo ressentimentos acumulados ao longo do tempo e contra uma memória da dominação. Dessa forma, “o longo silêncio, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1989, p. 3). Assim, as narrativas subterrâneas que sobreviveram, sendo transmitidas por familiares, por redes de sociabilidade ou por associações – ao retornarem ao espaço público – colocam em xeque a memória oficial forjada.

No romance de Itamar Vieira Junior, pode-se observar que as histórias e as memórias dos antepassados dos personagens foram marginalizadas e excluídas por muito tempo, mas sobreviveram como “memórias subterrâneas”, resistiram e aguardaram o momento de virem à tona. Esse momento se dá quando Bibiana e Severo retornam a Água Negra e ambos possuem o intuito de ensinar e conscientizar os moradores. Mas as histórias dos antepassados também surgem pelos relatos de Salustiana, que passa a contar histórias, quando a fazenda é vendida e paira sobre eles a incerteza sobre a sua permanência naquelas terras. Resgatar essas histórias, passar essa “memória subterrânea” para suas filhas e seus netos, é uma forma de resistência.

As histórias contadas por Salustiana dizem respeito à ocupação de terras por escravizados fugidos, que depois foram vendidas para fazendeiros, mas que antes não haviam sido reivindicadas por ninguém. Ela relata a história das terras do Bom Jesus, em Lagoa Funda, evocando a memória da avó e explica que não se sabia de escravos e que todos se consideravam livres. Porém, a personagem reflete que os antigos moradores deveriam ser sim escravos fugidos de alguma fazenda e que fundaram ali uma comunidade. Na fala de Salustiana, há uma alusão à formação de quilombos e também a um apagamento da memória dos descendentes, que continuaram vivendo naquelas terras, sob o mando de fazendeiros. Conforme sugere: “ali ninguém quis falar sobre isso. Todo mundo nascia livre, sem dono. Apagaram essa lembrança do cativo” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 228).

Percebe-se que há uma preocupação de trazer essas histórias à tona, para que ocupem seu lugar de direito, pois dizem respeito aos seus ancestrais, da luta que travaram para sobreviver, sendo narrativas muito diferentes das que eram contadas na escola naquele tempo. Para Belonísia, as histórias contadas pela professora mentiam sobre a terra e “ela não sabia por que estávamos ali, nem de onde vieram nossos pais, nem o que fazíamos, se em

suas frases e textos só havia histórias de soldado, professor, médico e juiz” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99).

Na esteira das discussões sobre as “memórias subterrâneas”, é importante observar a relação da mutilação da língua de Belonísia com o silenciamento a que os afro-brasileiros foram submetidos ao longo da história. Nesse sentido, uma leitura possível nos leva a interpretar que o romance aborda a questão das memórias apagadas/silenciadas e os usos da memória e do esquecimento como instrumentos de poder, como salientado por Le Goff. Assim sendo, observo que a perda da língua por uma das irmãs pode ser percebida como a imposição de um silenciamento das memórias e das histórias, forçando o seu esquecimento, mas que resistiram como “memórias subterrâneas”.

*Torto arado* aborda a quebra do silêncio e a tomada de consciência de que existem desigualdades e injustiças sociais, que são fruto da herança imposta pela sociedade brasileira da negação de oportunidades, de direitos, da marginalização e da exclusão nas cidades e nos campos, do sofrimento com o preconceito racial, por serem descendentes dos escravizados. Observo que *Torto arado* pode ser considerado um romance sobre resistência e quebra de silêncio. Vale ressaltar que Belonísia, aquela que teve a língua amputada, é uma das narradoras da obra, é uma voz feminina e subalterna, que pondera que “de minha boca poderiam sair muitas histórias que serviriam de motivação para nosso povo, para nossas crianças, para que mudassem suas vidas de servidão aos donos da terra, aos donos das casas na cidade” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 170).

### **3 A relação com a terra**

A relação das personagens de *Torto arado* com a terra é um dos temas centrais abordados na narrativa. Desde os tempos do Brasil Império, as terras onde Zeca Chapéu Grande, Salustiana Nicolau e sua família trabalham têm como únicos proprietários a família Peixoto. Assim, a comunidade familiar do romance está estabelecida em terras alheias, o que os sujeitam ao controle do dono da fazenda e ao regime de trabalho imposto por este.

A condição de moradia se configura na proibição de se construir uma casa que resista às intempéries do tempo, pois a terra não lhes pertence. Conforme se pode conferir no romance, “podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das



famílias na terra” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 41). A ocupação do território ocorreu com a chegada de trabalhadores que ofereciam sua mão de obra, pois precisavam sobreviver. O tratado com o fazendeiro, dono de Água Negra, era que os homens deveriam trabalhar em suas terras e, em troca, era cedida uma pequena porção de terra para que cultivassem seu roçado. Desse pequeno cultivo de subsistência, ainda deveriam entregar um terço do que se produzisse.

A comunidade vivia em condição de exploração e de servidão, a qual era passada de geração em geração. Parte dos personagens não possuía outra perspectiva além de trabalhar para o dono da fazenda, assim, os moradores sentiam-se obrigados a se submeterem às violências cometidas contra eles, pois poderiam perder o local de morada e não teriam para onde ir com suas famílias. Enfrentavam a seca e as enchentes, e junto a essas adversidades climáticas, o medo de que fossem mandados embora pelo proprietário das terras.

O romance abre a possibilidade para que o leitor reflita sobre a questão agrária no Brasil, a luta pela terra e a violência contra as lideranças e movimentos sociais do campo. Questões como a quem pertence a terra onde vivem as comunidades rurais tradicionais são colocadas ao longo da obra, assim como a história dos descendentes dos escravizados no Brasil pós-abolição que lhes negou acesso aos direitos fundamentais à sobrevivência e à dignidade humanas, e lhes deixou heranças que ferem e ecoam nos dias atuais.

A comunidade de trabalhadores de Água Negra vivia naquelas terras há muitos anos, tendo estabelecido laços de pertencimento àquele território. Foi em Água Negra que as irmãs Bibiana e Belonísia nasceram, cresceram e estabeleceram seus laços afetivos com a terra. São nessas terras, lavradas pelas mãos de seus pais, que as irmãs brincam – ainda crianças – imitando a lida dos mais velhos, com galhos para fazer “nossos instrumentos de trabalho para arar nossas roças de brinquedo, para repetir os gestos que nossos pais e nossos ancestrais nos haviam legado” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 23). Pode-se dizer que a herança deixada pelos antepassados para as meninas é o esforço do trabalho, do arar e cultivar a terra com suas próprias mãos e suor. No trecho a seguir, percebe-se a profunda relação com a terra:

O chão das nossas casas e dos caminhos da fazenda era de terra. De barro, apenas, que também servia para fazer a comida de nossas bonecas de sabugo, e de onde brotava quase tudo que comíamos. Onde enterrávamos os restos do parto e o umbigo dos nascidos. Onde enterrávamos os restos de nossos corpos. Para onde todos desceriam algum dia. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 20).

Saliente-se que a relação com a terra era de vida e de morte, pois no ventre da terra se plantavam os umbigos dos nascidos, como uma forma de enraizamento, e nessa mesma terra é que eram enterrados os seus mortos, o que lhe confere uma ideia de pertencimento, pois as histórias das famílias se manifestavam naquele território. Assim como é dessa terra que se cultiva o necessário para a sua sobrevivência, vindo dela não só o que se comia, mas é dela que provêm as raízes para os xaropes de Zeca Chapéu Grande, como também os galhos e os sabugos usados nas brincadeiras das crianças. É da terra que se extrai o alimento e também é dela que advém a dignidade por meio do trabalho.

A relação com a terra é expressa no romance também pela afinidade de Belonísia com a natureza, os caminhos, as ervas e as raízes. Com Zeca Chapéu Grande, ela aprendeu sobre os períodos propícios para cada cultivo, sobre os ventos, os animais, a coivara e a capina. Foi seu pai também que lhe ensinou a ouvir a terra, deitando no solo com o ouvido voltado para o seu interior para saber o que fazer, como alguém que repousa o ouvido sobre um ventre para ouvir a vida que cresce. O romance destaca a relação de Belonísia com a terra por meio do manejo e do cultivo, da forma como a personagem trabalhava a roça do quintal de sua casa para o seu sustento. Belonísia tinha habilidade com a terra e com os instrumentos para o cultivo, assim como conhecia todos os caminhos da mata. Segundo narra Santa Rita Pescadeira, a respeito de Belonísia, “a terra era seu tesouro, parte do seu corpo, algo muito íntimo” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 246).

No romance, o primo Severo é quem desperta em Bibiana o desejo de sair de Água Negra para estudar, melhorar de vida e trabalhar em suas próprias terras. Severo possui uma perspectiva da relação entre trabalho na lavoura em troca de morada como algo negativo para a comunidade, sendo esta despojada do direito à terra. Esse ponto de vista difere de outros moradores mais velhos, como Zeca Chapéu Grande, que se sente grato por lhes concederem morada. Segundo este personagem, “Os donos da terra eram conhecidos desde a lei de terras do Império, não havia o que contestar” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 183).

Embora Zeca Chapéu Grande não conteste quem são os donos da terra, ele traz uma importante reflexão sobre a terra e sua função social ao dizer para o filho:

Esta terra que cresce mato, que cresce caatinga, o buriti, o dendê, não é nada sem trabalho. Não vale nada. Pode valer até para essa gente que não trabalha. Que não abre uma cova, que não sabe semear e colher. Mas para gente como a gente a terra só tem valor se tem trabalho. Sem ele a terra é nada. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 186).

O trabalho nas terras em troca de morada passa a ser contestado pelos mais jovens da fazenda que não veem a relação com os fazendeiros como um acolhimento, mas uma forma de exploração. Frente a essa situação de injustiças, Bibiana decide deixar a fazenda em busca de uma vida melhor. Na perspectiva da personagem:

Aquela fazenda sempre teria donos, e nós éramos meros trabalhadores, sem qualquer direito sobre ela. Não era justo ver tio Servó e os filhos crescendo espantando os chupins das plantações de arroz. Não era justo ver meu pai e minha mãe envelhecendo, trabalhando de sol a sol, sem descanso e sem qualquer garantia de conforto em sua velhice. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 79).

Nessas reflexões da personagem, é observada a presença de uma tomada de consciência das condições injustas a que estavam submetidos os trabalhadores de Água Negra, assim como um desejo de mudança, ou seja, percebe-se uma crítica às desigualdades sociais e à questão agrária no Brasil. Bibiana se dá conta de que sempre estariam submissos aos donos da fazenda, além disso, se algo ocorresse e não houvesse mais trabalho, todos os moradores seriam expulsos dali, “seríamos convidados a deixar Água Negra, terra onde toda uma geração de filhos de trabalhadores havia nascido. Aquele sistema de exploração já estava claro para mim” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 83).

Na atualidade, são prementes o problema agrário brasileiro e os conflitos possessórios<sup>3</sup>. A questão é histórica tendo ocorrido vários conflitos pela posse da terra no Brasil, sendo os mais conhecidos a Guerra de Canudos (1896-1897), na Bahia, e a Guerra do Contestado (1912-1916), no Paraná e em Santa Catarina. Saliente-se que, na década de 1950, ocorreu, no

---

<sup>3</sup> Sobre os conflitos de terra no Brasil e a questão da reforma agrária ver a obra *Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil*, organizada por Antonio Márcio Buainain.

Nordeste, a organização do movimento das Ligas Camponesas<sup>4</sup>, liderado pelo advogado Francisco Julião, que reivindicava a reforma agrária. Os camponeses comprometidos com a luta pela terra e a reforma agrária passaram a lutar contra o latifúndio, bem como contra as formas de vida e de trabalho impostas nas áreas rurais.

A luta pelo direito à terra no Brasil continua nos dias atuais. Porém, a concentração de terras nas mãos de poucos proprietários permanece no país, o que impede que a questão da distribuição para pequenos agricultores seja efetivada. Mesmo que a Constituição Federal de 1988 assegure a todos o acesso à propriedade, desde que se cumpra a sua função social – a qual se baseia nos requisitos de aproveitamento adequado da terra, utilização dos recursos com preservação do meio ambiente e observância das disposições referentes às relações de trabalho – os movimentos sociais continuam a enfrentar violências social e institucional. Ainda, no que se refere à Constituição Federal, tem-se que compete à União desapropriar, por interesse social, para fins de reforma agrária, aquele imóvel que não esteja cumprindo a sua função social. Ainda assim, a questão agrária no Brasil caminha a passos muito lentos.

No romance, Severo participa de reuniões em sindicatos de trabalhadores rurais tornando-se um militante em defesa do direito à terra. Ele é um personagem que irá trazer a perspectiva dos trabalhadores mais jovens da fazenda, contestando as relações de trabalho e os constantes despojos sofridos pelos membros da comunidade. É a partir da luta de Severo pela conscientização dos trabalhadores que estes passam a reivindicar a identidade de quilombolas<sup>5</sup>.

Bibiana, como professora da fazenda, empenha-se na alfabetização dos moradores de Água Negra e na difusão da história dos antepassados, apagada pela história hegemônica, pois é a partir da luta contra o analfabetismo que a comunidade pode discutir a herança da escravidão. Severo torna-se uma liderança entre os moradores de Água Negra, sendo

---

<sup>4</sup> AZEVEDO, Fernando Antônio. *As Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>5</sup> A Constituição Brasileira de 1988, no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), consagra às comunidades de quilombolas o direito à propriedade de suas terras. Segundo o texto: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

admirado por muitos, mas também rechaçado por outros. Ele fazia discursos para a população sobre os direitos que estavam lhes sendo negados, assim como falava sobre a escravidão de seus antepassados e a abolição que os deixou à mercê dos grandes proprietários. O discurso de Severo é voltado para a conscientização dos trabalhadores de que deveriam se unir para lutar por seu direito à terra e à moradia digna, e contra as relações de trabalho em regime de servidão.

Vale lembrar que a longa história de lutas pela terra no Brasil é marcada pelo assassinato de diversos líderes rurais por conflitos com latifundiários. Dentre eles, João Canuto de Oliveira, morto a tiros no Pará em 1985, e o sindicalista e ambientalista Chico Mendes, assassinado no Acre em 1988. Os assassinatos de sindicalistas rurais continuam a ocorrer até os dias atuais, permanecendo os mandantes das mortes impunes. Em 1996, os conflitos no campo, entre fazendeiros e trabalhadores rurais, resultou na morte de dezenove agricultores em Eldorado do Carajás, no Pará<sup>6</sup>.

No romance, a morte de Severo e o encerramento do caso, declarando estar o personagem envolvido com o tráfico de drogas da região, fazem uma alusão à impunidade dos assassinatos a líderes sindicais rurais como mais uma forma de violência sofrida por aqueles que lutam pelo direito à terra.

#### **4 Ancestralidade e outros aspectos culturais**

Pode-se observar no romance a presença tanto de elementos específicos da cultura da região da Chapada Diamantina – que se desenvolveram naquela localidade –, como elementos da África, trazidos pelos ancestrais dos moradores de Água Negra. A identidade comunitária dos moradores é constituída – sobretudo – pelas tradições familiares e pela prática das festas e dos elementos referentes ao jarê, como a cura por meio das ervas e das rezas do pai espiritual da comunidade. Como narra Bibiana, a respeito da casa de sua infância: “os objetos, os xaropes de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem do mundo em que crescíamos” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 59).

Zeca Chapéu Grande é personagem essencial para a construção da identidade cultural da comunidade, pois além de exercer papel de liderança

---

<sup>6</sup> NEPOMUCENO, Eric. *Massacre: Eldorado do Carajás – uma história de impunidade*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

entre os moradores, também é uma liderança espiritual. Conforme narra Bibiana: “Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 33).

Os elementos religiosos e tradicionais presentes na narrativa passam por esse personagem, responsável pelas festas de jarê em Água Negra e as curas espirituais. Há diversos elementos que podem ser identificados no romance que fazem parte da cultura da região como as festividades para São Cosme e Damião e Santa Bárbara, além das brincadeiras de jarê, a musicalidade dos atabaques, as vestimentas e os adornos próprios de cada encantado, o uso de ervas para a cura física e espiritual, o quarto dos santos na casa de Zeca Chapéu Grande – com referências religiosas do catolicismo.

Na casa de Zeca Chapéu Grande, aconteciam as cerimônias de jarê, pois, o pai espiritual da comunidade tinha suas obrigações com os encantados. Como nos relata Bibiana: “Era um encantado, o Velho Nagô, antigo conhecido do povo de Água Negra. Era o senhor do corpo e do espírito de meu pai, das bênçãos e curas que chegavam aos necessitados” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 57). O personagem também servia de cavalo para a encantada Santa Bárbara e vestia as roupas e adornos próprios da entidade, emprestando o seu corpo a uma mulher. Belonísia conta sobre a relação de seu pai com o jarê: “se transformava em muitos encantados nas noites de jarê. Mudava a voz, cantava, rodopiava ágil pela sala, investido dos poderes dos espíritos das matas, das águas, das serras e do mar. Meu pai curava loucos” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 126).

Segundo o antropólogo Gabriel Banaggia (2017), o jarê é uma religião de matriz africana existente apenas na Chapada Diamantina, que foi ocupada entre o final do século XVIII e o começo do XIX, devido às atividades de garimpo. No entorno, surgiram povoados destinados à produção de cultivos e também foram levados para a região escravos para atuarem na extração das pedras preciosas. Banaggia ressalta que há estudos que afirmam a presença da ocupação da região por diferentes povos originários. O antropólogo sugere que há vestígios da presença indígena no jarê, no que diz respeito às entidades espirituais, possibilitando um sincretismo afro-indígena.

Gabriel Banaggia observa que, de acordo com o campo de estudos sobre religião afro no Brasil, o jarê se desenvolveu paralelamente aos candomblés litorâneos e surgiu a partir de mulheres africanas, ou de suas

descendentes diretas, chamadas nagôs, que viviam na região da Chapada Diamantina. Nas denominadas festas de jarê, os praticantes cantam, dançam e, em geral, permitem que as entidades se manifestem em seus corpos. A designação de “orixá” é dada às entidades que fazem parte do conjunto denominado de “caboclos de frente” – Ogum, Iansã e Xangô. Na sequência, ocorrem as visitas de outras entidades, como as pertencentes à “aldeia d’água”, os caboclos da “força da mata”, os “espíritos de luz” – essas entidades podem estar ligadas aos ancestrais da comunidade, pois a história de muitos deles remete à escravidão – e, por fim, ocorre a visita do “povo velho”, que realiza um ritual junto aos tambores.

As entidades caboclas, por meio dos humanos, agem para a recuperação da saúde e também de territórios perdidos, começando pelo estabelecimento de um território existencial específico no qual podem atuar. Para isso, precisam se manifestar no corpo do povo santo, tornando esse o seu veículo.

No romance, a ancestralidade pode ser observada em diversos elementos, em especial, na voz de Santa Rita Pescadeira, encantada que narra a terceira parte do livro. A entidade declara ser muito antiga e já ter se abrigado em diversos corpos, tendo presenciado a história dos homens que garimpavam naquela região, suas mazelas em busca do diamante e suas loucuras, sendo escravos ou libertos. Segundo a encantada:

Meu povo seguiu rumando de um canto para outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde tivesse tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles [...]. Me embrenhei entre o povo que os donos da terra chamavam de trabalhador e morador. Era o mesmo povo que me carregou nas costas quando eram escravos das minas, das lavouras de cana, ou apenas os escravos de Nosso Senhor Bom Jesus. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 204-205).

A encantada reclama que com a falta de peixes e o assoreamento e a poluição dos rios, ela foi sendo esquecida pela comunidade, que já não se interessava em aprender as suas cantigas. Por isso, ficaram surpresos quando ela apareceu e montou no corpo de Miúda, “meu cavalo que dançava atirando a rede, no meio da casa do curador Zeca Chapéu Grande” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 205).

Em relação aos elementos ancestrais que aparecem na obra, vale trazer à discussão as considerações do teórico cultural Stuart Hall (2013) sobre a diáspora. Segundo Hall, no período colonial, as pessoas foram forçadas a migrar e a se dispersar. As sociedades que se formaram no Novo Mundo foram compostas por vários povos, de origens diversas, a maioria de descendência africana. O termo “África”, explica Hall, é “uma construção moderna, que se refere a uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas cujo principal ponto de origem comum situava-se no tráfico de escravos” (HALL, 2013, p. 34).

A propósito de seus estudos sobre o Caribe, Stuart Hall pondera que os deuses africanos foram combinados com os santos cristãos resultando em universos religiosos complexos e específicos da América Latina. O teórico ressalta que em uma formação sincrética, os elementos em jogo estão inscritos em relações de poder, principalmente naquelas sustentadas pelo colonialismo. Segundo Hall, é importante salientar que o passado e a herança africanos não são transmitidos pelas gerações de forma imutável, pois passaram pelo processo de “diasporização”, que engloba as diferentes apropriações e transformações da “África” no continente americano.

Pode-se observar que há na obra uma espécie de microcosmos cultural de um mundo afrodescendente próprio da região da Chapada Diamantina, interior da Bahia, que pode ser percebido pela presença de elementos de uma cultura própria, principalmente no que diz respeito aos aspectos religiosos.

Nesse sentido, pode-se considerar que a ancestralidade africana está presente nas manifestações culturais e religiosas da comunidade de Água Negra, como reminiscências da África, que sobreviveram à escravização desse outro lado do Atlântico, tendo passado por transformações e percorrido diferentes “rotas culturais”.

Na concepção do sociólogo Roger Bastide (1971), estudioso das religiões de matriz africana no Brasil, aqui ocorreu uma elaboração de religiões em que estão presentes elementos de diversas etnias, com os seus saberes ancestrais e religiosos. As tradições, as crenças e os costumes africanos ancestrais estão presentes nas elaborações afro-brasileiras. Assim, conservam a presença da África, mesmo que tenham passado por diversas trocas culturais, devido aos movimentos migratórios da diáspora negra.



Pensando a partir das considerações de Gabriel Banaggia, Stuart Hall e Roger Bastide, observa-se a presença da África e também a presença de elementos indígenas no jarê que, como representado no romance, é uma religião afrodescendente própria da região da Chapada Diamantina, que possui diferentes aspectos culturais, com elementos indígenas e africanos, marcados pela diáspora. Dessa forma, pode-se pensar que, ao trazer elementos de diferentes ancestralidades nas cerimônias do jarê, o romance abre a possibilidade de ser lido em uma perspectiva de resistência. Porque, mesmo com a morte de Zeca Chapéu Grande e a introdução de outras religiões na localidade, o encerramento do romance com a voz de uma encantada – que costura com sua narrativa a história de Bibiana e Belonísia e sua relação com a terra e com o universo de Zeca Chapéu Grande e Donana – que retorna para dar força às irmãs para alcançarem a redenção final, é uma forma de resistência da ancestralidade.

## 5 Resistência feminina

*Torto arado* dá força às mulheres subalternizadas pela sociedade, porque além de trazer a perspectiva delas, elas também são as narradoras, ou seja, a palavra está com elas. Bibiana e Belonísia são personagens femininas fortes, mulheres negras que detêm a palavra no romance. Importante ressaltar que cada narradora relata a sua história a partir de seu universo interior, do seu ponto de vista. Além das duas irmãs, o romance também dá voz a uma entidade feminina, como já falado, uma voz ancestral, que acompanha a vida das outras duas narradoras desde a infância, mas que também é muito antiga, tendo presenciado o sofrimento dos escravizados e de seus descendentes que vagaram em busca de trabalho e morada.

A partir do evento que inaugura a narrativa, uma irmã torna-se a voz da outra e ambas assumem uma relação de simbiose em que teriam que ter a capacidade de se compreender, sendo uma só voz. Para isso, as disputas entre elas ficaram de lado e nessa união, “com o passar dos anos, esse gesto se tornou uma extensão das nossas expressões, até quase nos tornarmos uma a outra, sem perder a nossa essência” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 24). A união e a cumplicidade entre as irmãs, tendo como necessidade a comunicação, a fala, devido à falta da voz, pode ser entendida como uma questão de sororidade entre elas.

O conceito de sororidade, como sugere a pesquisadora argentina Claudia Andrea Bacci (2020), amplamente difundido nos últimos anos, propõe práticas de cuidado e de solidariedade entre as mulheres, frente às diferentes formas de violência sofridas. A sororidade se realiza no estar junto, sendo entendida como uma ética do cuidado, mas, também, como uma política feminista, ou seja, um entrelace entre subjetividade e política. No romance de Itamar Vieira Junior, pode-se identificar a sororidade tanto na relação das duas irmãs, quanto na relação de Belonísia e Maria Cabocla.

Ressalte-se que, na obra, após a perda da voz de uma das irmãs, Belonísia e Bibiana se unem de tal maneira que a relação entre as duas pode ser compreendida para além do apoio e da cumplicidade, pois, ao deixarem de lado as disputas corriqueiras, tornam-se uma só. Essa união das irmãs pode ser observada como uma forma de resistência e de luta conjunta pela recuperação de um lugar de fala.

Observo que a obra aponta para essa perspectiva de resistência das mulheres negras brasileiras, que foram colocadas num lugar de subordinação e marginalização pela sociedade, desde os tempos coloniais. Para além de trazer uma perspectiva feminina negra sobre a questão da terra no Brasil e abordar as relações das mulheres com a terra, seja do ponto de vista de Bibiana, que trabalha pela via da educação, alfabetizando, conscientizando os moradores e resgatando o respeito pelas histórias dos antepassados. Seja do ponto de vista de Belonísia, que está ligada à terra de forma íntima, tendo habilidade para trabalhá-la e para compreendê-la, pois “a mata a fez forte e sensível, ainda menina, para reconhecer o movimento do mundo” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 245). Seja do ponto de vista da encantada Santa Rita Pescadeira, que narra a terceira parte do livro com sua voz ancestral, relatando sofrimentos e lutas pela sobrevivência de seu povo naquela terra. As três vozes femininas do romance são vozes de resistência.

São vozes que retomam e ocupam o seu lugar de fala, reivindicando o direito de serem ouvidas. São vozes que resistiram desde tempos ancestrais e que permearam todas as antepassadas de Belonísia, que não se furtava a dizer palavras vis em seu íntimo, carregadas de rancor pelas injustiças dos fazendeiros, das condições de vida a que estavam sujeitos e pelos maus-tratos de Tobias, essas palavras “eram gritadas por minhas ancestrais, por Donana, por minha mãe, pelas avós que não conheci, e que chegavam a mim para que as repetisse com o horror de meus sons, e assim ganhassem

os contornos tristes e inesquecíveis que me manteriam viva” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 128).

Um aspecto de grande relevância que aparece no romance é a abordagem da questão do patriarcado e da violência doméstica contra mulheres. O fenômeno da violência contra a mulher não pode ser compreendido fora das relações de poder. Essa questão é vivida e refletida pela personagem Belonísia, quando vai morar com Tobias, trabalhador da fazenda. É quando Belonísia está vivendo na casa de Tobias que ela conhece Maria Cabocla, mulher de traços indígenas, que sofria com a violência de seu companheiro.

Para a abordagem dessa questão, um texto de referência nos estudos sobre a violência contra as mulheres no Brasil é o texto “Participando do debate sobre mulher e violência”, da filósofa Marilena Chauí, publicado na década de 1980. Na concepção de Chauí (1985), a violência é uma ação que transforma diferenças em desigualdades hierárquicas com o intuito de praticar a dominação, a exploração e a opressão. Essa relação de dominação trata o sujeito dominado como um objeto e não como um sujeito, sendo a mulher silenciada, perdendo a sua autonomia. Além disso, o discurso sobre a mulher é voltado para a sua função reprodutiva, sendo essa a base para a diferenciação entre os papéis de homens e mulheres na sociedade. Segundo a filósofa, “definida como esposa, mãe e filha (ao contrário dos homens para os quais ser marido, pai e filho é algo que acontece apenas), [as mulheres] são definidas como seres para os outros e não como seres com os outros” (CHAUÍ, 1985, p. 47).

No romance, a personagem Belonísia reflete sobre os papéis estabelecidos pela sociedade patriarcal, sendo a mulher aquela destinada a reproduzir: “éramos preparadas desde cedo para gerar novos trabalhadores para os senhores, fosse para as nossas terras de morada ou qualquer outro lugar onde precisassem” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 129). Tobias se dirigia a Belonísia usando o vocábulo “mulher”, o que para ela, “me sentia uma coisa comprada, que diabo esse homem tem que me chamar de mulher, minha cabeça agitada gritava” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 116). Observa-se nesse trecho a objetificação da mulher, ou seja, Belonísia sentia-se como um objeto, destinado ao cuidado da casa e ao atendimento a Tobias, numa relação de submissão, vivendo para o outro. A personagem diz que carregará para sempre a vergonha por ter sido ingênua e ter se deixado encantar por

Tobias, pois ele era como “muitos homens que levavam mulheres da casa de seus pais para lhes servirem de escravas” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 136).

Os debates norte-americanos e franceses mudam de forma significativa os estudos feministas no Brasil, tendo como uma das principais referências a norte-americana Joan Scott. Os estudos brasileiros substituem a categoria mulher pela categoria gênero, sendo o gênero definido como uma relação socialmente construída. Assim, a definição de sexo não se aplica ao gênero, pois, o primeiro diz respeito a características biológicas, já o segundo pressupõe uma relação entre sexos, comportamento e sociedade. Sendo o gênero uma construção social, há várias intersecções que permeiam tal construção, que dizem respeito a questões relacionadas, por exemplo, a classe social, raça ou orientação sexual, sendo importante que se reflita sobre como esses elementos agem para que a mulher seja subalternizada nas relações sociais em que se insere.

Segundo a teórica feminista bell hooks (2018), a intervenção que mais transformou o feminismo norte-americano foi o reconhecimento da realidade do racismo, pois raça e gênero devem ser pensados juntos, considerando a existência da diferença racial e tornando o movimento feminista antirracista. Dessa forma, construiu-se um movimento em que os interesses das mulheres de classes privilegiadas – em geral, brancas – não fossem colocados acima dos interesses das outras, o que gerou um impacto positivo para a sociedade. A pesquisadora comenta que, assim, “construímos uma visão de sororidade em que todas as nossas realidades podiam ser faladas” (HOOKS, 2018, p. 89).

No Brasil, a questão do racismo estrutural<sup>7</sup> é premente nos debates contemporâneos. Saliente-se que o discurso do racismo parte do pressuposto de que deve haver uma hierarquia entre brancos e negros, sendo essa uma relação de poder histórica de subordinação, exploração e negação de direitos e de oportunidades. A herança da escravidão pode ser observada em diferentes instâncias da sociedade brasileira. Assim, é possível pensarmos na questão do racismo e da herança da escravidão como uma das relações que atravessam a construção social do gênero feminino no Brasil. Em 2013, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) publicou a pesquisa *Dossiê mulheres negras: retrato das condições das mulheres negras no*

---

<sup>7</sup> ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2019.

Brasil na qual apontava que a remuneração das mulheres negras é inferior, assim como a taxa de desemprego entre elas é maior que entre as mulheres brancas. Além disso, a pesquisa demonstrou que os empregadores são em grande parte homens brancos.

Vale também observar que a representação da mulher negra foi deturpada no imaginário social brasileiro, que reservou a ela lugares de subalternidade, para servir como empregada doméstica ou como prostituta, sendo esses os resquícios da herança colonial da escravidão no Brasil. Segundo a filósofa brasileira Sueli Carneiro (2003), é imprescindível que a variável racial seja reconhecida nos estudos feministas, pois o racismo produz condições subalternas de existência para as mulheres negras, colocando-as em condições desfavoráveis que se refletem na violência de gênero. Para Carneiro, o peso dos estigmas seculares cerceia o acesso das mulheres negras ao trabalho e compromete que elas exerçam de forma plena a sua sexualidade, pois se nega a essas mulheres o direito à imagem ou a uma representação positiva.

Tratando-se da pior forma de violência de gênero contra as mulheres – o feminicídio – destaco que, segundo o *Atlas da violência* publicado pelo IPEA em 2020, no ano de 2018, a cada duas horas, uma mulher foi vítima de feminicídio no Brasil, totalizando 4.519 vítimas no ano. Dessas mulheres assassinadas, 68% eram negras. Portanto, vale ressaltar a importância de se pensar a violência de gênero, em suas várias manifestações, atentando-se para as diversas relações que permeiam e atingem a sociedade como o racismo estrutural, além das desigualdades sociais e econômicas.

Na esteira desses debates, observo que *Torto arado* aborda questões prementes da sociedade brasileira, como a violência de gênero contra a mulher não branca, que vive em um contexto de desfavorecimento econômico e social, como é o caso das personagens femininas de *Água Negra*. A forma de violência de que o romance trata é a violência doméstica, ou seja, aquela praticada no seio familiar, contra a mulher. A personagem Belonísia – que enfrenta no romance a opressão e a violência do patriarcado – sofre agressões verbais proferidas por Tobias. O personagem reclamava sempre de Belonísia e a culpava pelo sumiço de qualquer objeto da casa. A violência doméstica era praticada por meio dos insultos dirigidos a ela: “ouvi gritar de casa que eu era burra. Que não falava. Que era aleijada da língua. Engoli cada insulto que ouvia de sua boca” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 121).

Como a narradora Belonísia conclui: os homens tiravam as mulheres das casas de seus pais “para nos apresentarem ao inferno que pode ser a vida de uma mulher” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 136). É nessa época, em que vivencia as agressões verbais e os maus-tratos de Tobias, que ela se aproxima da vizinha, Maria Cabocla, personagem também vítima de violência doméstica. Na primeira vez em que Maria Cabocla foge de sua casa e encontra abrigo na casa de Belonísia, ela chega com a roupa rasgada, chorando e repetindo que o homem iria matá-la. Nesse primeiro momento, Belonísia acolhe a vizinha, mas sente medo de que o marido da indígena fosse até a casa e batesse nela também, por ter violado a regra de que não se deveria meter-se em brigas entre marido e mulher.

Belonísia observa Maria Cabocla e sente amargura pelas feridas e roxos em seu rosto. Essa situação faz Belonísia refletir sobre Tobias, que poderia um dia também vir a bater nela, pois a cada dia estava mais violento. Mas o encontro com a dor de Maria Cabocla fez com que Belonísia encontrasse forças dentro de si e prometer a ela mesma que não teria medo de homem algum, pois era neta de Donana e filha de Salustiana, evocando as figuras femininas fortes de sua linhagem. Belonísia ameaça que “antes que qualquer homem resolvesse me bater, lhe arrancaria as mãos ou cabeça, que não duvidassem de minha zanga” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 121).

Segundo bell hooks (2018), importa a consciência de que o corpo da mulher não é propriedade de um homem e de que tanto mulheres quanto homens devem lutar contra a opressão sexista e o patriarcado, entendido como um sistema de dominação. Na esteira dessas discussões, bell hooks enfatiza que mudar o pensamento sexista das mulheres é o primeiro passo para se criar uma sororidade poderosa. Para a teórica, a sororidade feminista está além da compaixão compartilhada pelas mulheres em caso de sofrimentos em comum, estando fundamentada em um compromisso compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, sendo irmãs na luta, estando lado a lado, sem explorarem ou dominarem outras mulheres.

Pode-se identificar a questão da sororidade na relação de Belonísia e Maria Cabocla. Após a procura por refúgio na casa de Belonísia, a vizinha passa a ocupar os pensamentos da narradora e suas rezas. A relação entre as duas passa a estreitar-se e uma busca na outra o acolhimento e a cumplicidade que lhes dão forças para sobreviverem às duras condições a que estavam submetidas. As agressões do esposo de Maria Cabocla

tornam-se cada vez piores e Belonísia tem o “desejo de defender a mulher Maria” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 145). Em uma total ausência de medo, trazendo à lembrança a valentia de sua avó Donana, Belonísia se coloca ao lado de Maria Cabocla para defendê-la do companheiro. A filha de Salustiana desafia o marido de Maria Cabocla e quando este tenta segurá-la, ela encosta a lâmina da faca de Donana no queixo do homem, numa atitude de firmeza e de raiva por encontrar a amiga espancada no chão da casa. O ato de Belonísia deu forças à Maria Cabocla para que esta se livrasse da submissão e da violência do marido expulsando-o de casa.

Em *Torto arado*, pode-se observar as personagens femininas com suas complexidades e reflexões, que questionam o lugar da mulher na sociedade e os papéis a ela atribuídos, bem como a conscientização, a sororidade e a aliança para resistirem à opressão do patriarcado. Saliente-se que a abordagem de temas como a resistência feminina contra a subordinação e o enfrentamento à violência doméstica contribui para a perspectiva de que o romance, ao discutir questões tão prementes em nossa sociedade, trazendo a força das personagens femininas, é um trabalho dedicado a falar de resistência.

## 6 Considerações finais

*Torto arado* é uma obra que aborda diversas questões pulsantes na sociedade brasileira contemporânea, como a luta pela terra, as injustiças e desigualdades sociais como heranças da escravidão, a violência doméstica contra as mulheres e o movimento que traz à luz as histórias, a ancestralidade e as memórias afro-brasileiras.

Observo que os elementos históricos são abordados no romance pelo ponto de vista dos personagens fictícios, por meio de suas lembranças e dos relatos dos membros mais velhos da comunidade sobre seus antepassados e da encantada Santa Rita Pescadeira. Saliento que não se busca compreender o romance como uma reconstrução histórica, embora existam referências à história brasileira, essas referências são abordadas do ponto de vista dos personagens, a partir de pequenas observações cotidianas e de seu universo interior. Assim como cada uma das irmãs, Bibiana e Belonísia – narradoras da primeira e da segunda parte do romance –, conta a história a partir de seu ponto de vista, cada uma tem a sua forma e o seu momento de perceber as injustiças a que estão submetidas e de sentirem que a mudança é necessária.

Os personagens passam por um processo de ressignificação de sua história e de sua identidade coletiva, ao se considerarem como quilombolas. Quando Bibiana presta depoimento na delegacia, a propósito da morte do dono da fazenda, ela se identifica como quilombola, porém, frente à declaração dos funcionários de que nunca tinham ouvido falar sobre quilombolas na região, ela explica: “Mas a nossa história de sofrimento e luta diz que nós somos quilombolas” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 256). A identidade de quilombola reivindicada pelos personagens está alicerçada na conscientização de que conjugam de uma mesma história e memória de luta e de resistência. Vale lembrar, na esteira de Stuart Hall, que as identidades não são estáticas, que estão em constante processo de construção, transformação e ressignificação.

Observo que *Torto arado*, valendo-se de personagens, vozes e perspectivas, fornece elementos para que seja considerado como um romance sobre resistência e redenção. As vozes que narram são femininas e subalternizadas pela sociedade brasileira, o que pode ser identificado como resistência da mulher negra, que reivindica o seu lugar de fala, que quebra o silêncio a que estiveram submetidas durante tanto tempo. As vozes dessas personagens são como um eco de outras vozes do passado. A redenção pode ser identificada ao final do romance, quando da intervenção de Santa Rita Pescadeira. Após a morte do fazendeiro, os moradores têm suas terras demarcadas pelo governo e podem finalmente construir suas casas de alvenaria.

As presenças indígena e africana no sincretismo religioso e cultural são elementos que dizem respeito à força de resistência, desde o início da diáspora. A escolha de uma encantada para narrar a parte que desenlaça o romance, Santa Rita Pescadeira, é mais um elemento de resistência na obra, pois ela é uma voz ancestral que faz parte das entidades do jarê e que acompanha a história de seu povo há séculos. A resistência está na luta incessante pelo direito à terra, e essa relação com a terra e o trabalho é marcada no esforço de Belonísia que, tortamente, tentou pronunciar a palavra que lhe tocava profundamente, diferente de todas as outras ensinadas na escola: Arado.

## Referências

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2019.

AZEVEDO, Fernando Antônio. *As Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.



- BACCI, Claudia Andrea. A hora que estamos juntas: memórias, políticas y emociones feministas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, 2020, p.1-15.
- BANAGGIA, Gabriel. Conexões afroindígenas no jarê da Chapada Diamantina. *Revista de Antropologia da UFSCAR*, São Carlos, 9 (2), p.123-133, 2017.
- BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1971.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 20 jul. 2021.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 20 jul. 2021.
- BUAINAIN, Antonio Márcio (Org.). *Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17 n.49, p.117-132, 2003.
- CERQUEIRA, Daniel et al. (Orgs.). *Atlas da violência*. Brasília: IPEA, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- CHAUÍ, Marilena. Participando do Debate sobre Mulher e Violência. In: FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura V. C. e HEILBORN, Maria Luiza (Orgs.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher 4*. São Paulo: Zahar Editores, 1985, p.23-62.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende [et al.]. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MARCONDES, Mariana M. et al. (Orgs.). *Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições das mulheres negras no Brasil*. Brasília: IPEA, 2013. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=20978](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20978). Acesso em: 20 jul. 2021.

NEPOMUCENO, Eric. *Massacre: Eldorado do Carajás - uma história de impunidade*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Traducción de Miguel Salazar. Barcelona: Paidós, 2015.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.